

VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO: Histórias de superação e sobrevivência

Sexta, 15 Janeiro 2016



PELO menos três pessoas, dentre mulheres e crianças, são recebidas diariamente no Gabinete de Atendimento à Família e Menor da Polícia da República de Moçambique (PRM), vítimas de violência no distrito da Namaacha, província de Maputo.

Casos que vão desde a violência física, psicológica e até material chegam todos os dias para depois serem encaminhados para os devidos procedimentos jurídicos. Os mais frequentes são de mulheres cujos maridos não dão assistência social aos seus dependentes, nomeadamente mulher e filhos.

Maria Celeste, agente da PRM afecta ao Gabinete de Atendimento à Família, conta que aumentam os casos de violência baseada no género, alguns dos quais não são notificados às autoridades para responsabilização dos agressores.

“Nós recebemos um número cada vez mais crescente de casos de violência patrimonial e física. Na sua maioria, são agressões contra mulheres e violação sexual de menores que chegam aos registos da Polícia para serem analisados, esclarecidos e enviados ao tribunal”, explicou.

A nossa fonte disse, porém, que nos últimos dias são cada vez mais frequentes casos de homens que também acorrem àquele posto da Polícia para denunciarem situações de abandono de menores pelas mães e que buscam apoio para trazer de volta as mulheres ao convívio familiar.

“Há mais homens que nos procuram para denunciarem as mulheres que abandonaram os lares e deixaram as crianças menores para eles cuidarem delas. O que nós fazemos é avaliar, caso a caso, para localizar as mulheres e perceber as motivações do abandono do lar”, disse.

Entretanto, mesmo que os casos sejam julgados e os agressores punidos, a violência, seja ela física, emocional, material ou patrimonial, deixa marcas que, nalgumas vezes, nem o tempo consegue apagar.

CASADA PARA SERVIR COMO MÃO-DE-OBRA



IRENE Marcelino nasceu em 1958, no distrito de Zavala, província de Inhambane, onde viria a casar-se aos 18 anos com um homem que tinha três mulheres, com o consentimento dos seus próprios pais.

Ela era a quarta mulher, por isso os seus filhos foram registados em nome da primeira mulher do seu marido. Conta que todos os filhos do marido, inclusive os que ele teve com as outras duas mulheres, eram registados como sendo da primeira esposa.

“Quando questionássemos a razão da sua atitude éramos agredidas e hostilizadas pelos familiares do homem. A família sempre defendeu a atitude do marido, alegando que aquela era a melhor decisão e que não devia ser questionada”.

Por todas as vezes que ousaram questionar a postura do marido, a penalização podia ser entre dois e três meses sem receber a visita do marido em sua casa.

“Quando eu paro para reflectir em torno disso, percebo que ele, na verdade, o que queria era mão-de-obra para garantir produção nos campos de cultivo de cereais e hortícolas que havia herdado dos seus pais”, acrescentou.

Depois de mais de dez anos de casamento e já com cinco filhos, conversou com o pai para que pudesse abandonar o lar e retornar à casa, tendo recebido uma resposta favorável. Em 1983, saiu da casa do seu pai e rumou à Namaacha, onde fixou residência e procurou um trabalho para que pudesse enviar dinheiro para o sustento dos filhos.

Foi aqui onde conheceu o seu actual companheiro com quem mantém uma relação saudável e com quem partilha os trabalhos da machamba. Tem participado nos trabalhos de conscientização de outras mulheres para que deixem de ser vítimas de violência e se tornem sobreviventes e activistas e melhorem a convivência nos seus casamentos.

TRABALHO NA RAS MÓBIL PARA VIOLÊNCIA



MARIA Helena Chirindza nasceu em 1957, no distrito da Namaacha, província de Maputo. Foi lá onde conheceu o então marido com quem casou e depois se mudou para uma localidade do distrito de Mabote, em Inhambane.

A sua história de violência emocional começa quando o casal decide regressar à Namaacha e o marido teve de partir para a vizinha África do Sul (RAS) em busca de trabalho para dar melhores condições de vida a si e aos seus quatro filhos, em 1987.

Naquele país ele conheceu uma outra mulher com quem se uniu e foi viver em Xai-Xai, província de Gaza, abandonando Maria Helena e os filhos sem qualquer explicação. Além disso, só tomou conhecimento de que o marido se casara através de familiares, sendo que quando procurou saber este não se preocupou em dar qualquer satisfação.

Segundo narra, anos mais tarde, o marido viria a divorciar-se e casar-se com uma outra mulher, com quem viveu no bairro Matola-Gare, no município da Matola, sem, com isso, dar qualquer explicação sobre as razões que o levaram a abandonar a família.

Depois de abandonada, Maria Helena teve de se desdobrar, buscando a vida fazendo negócio transfronteiriço, vulgo “mukheru”, para sustentar os filhos e garantir que estes pudessem frequentar a escola, porque já não podiam contar com o apoio do pai.

Foi depois de ter passado pela rejeição do seu marido e violência psicológica que se tornou numa activista consciencializando as mulheres a denunciarem e lidarem melhor com os seus parceiros a fim de evitar mais casos de violência no seio familiar.

“Nas campanhas contra a violência, as mulheres são aconselhadas a buscar uma fonte de sustento para as suas famílias para que não se tornem dependentes da renda dos esposos e consigam alimentar as suas famílias”, acrescentou.

Por onde passa conta a história da sua própria vida para outras vítimas, nos hospitais, associações que trabalham em prol do empoderamento da mulher e em campanhas dirigidas.

VENCI A VIOLÊNCIA E A DOENÇA – afirma Alcinda Zimba, Associação “Pfukani va Mamana”



Alcinda Zimba considera-se uma mulher na zona rural que, como muitas sobreviventes, sofreu violência física e psicológica do seu marido por causa de uma segunda mulher com quem viveu mais de 10 anos, sem que ela pudesse opinar.

São muitas as mulheres que viveram num casamento sem compreensão e que passaram por humilhações, insultos e ver o marido a levar outras mulheres para dentro de casa e não dar assistência a si e seus filhos.

Alcinda teve de se reerguer e dedicar as suas forças à agricultura, facto que só veio piorar porque o marido dava ordens para que a outra mulher fosse colher o que ela havia produzido. Em 2005, passados dez anos, a segunda esposa do marido perdeu a vida e, como consequência dos procedimentos tradicionais, ela chegou a contrair tuberculose.

“Quando fiquei doente tive de regressar à casa dos meus pais, mas depois de superar a doença fui aconselhada pelos familiares a regressar ao lar. Nem mesmo os problemas me fizeram mudar de comportamento”, disse Alcinda.

Segundo avançou, o marido arranjou mais uma mulher com quem vive e continua a tratá-la sem consideração. No entanto, com as dificuldades que enfrentou ao lado do seu marido, tornou-se numa mulher mais forte e preparada para os desafios da vida.

“Ainda tenho as sequelas das vezes que ele me bateu e de tudo o que passei ao lado dele. Para que possa perdôá-lo, ele deve mudar de atitude. O mais importante é ter superado o que passei e agora luto para não ser mais vítima das suas agressões”, concluiu.

VIOLENCIA LEVA AO ACTIVISMO



AS histórias de violência sofrida por mulheres e crianças, na Namaacha, província de Maputo, levaram um grupo de mulheres a criar a Associação Pfukani Va Mamana, vocacionada ao apoio às sobreviventes de violência doméstica.

A agremiação, que conta com mais de 20 membros, um dos quais um homem que também sofreu nas mãos da sua mulher, tem estado a partilhar as suas histórias em prol da convivência harmoniosa nas famílias da vila da Namaacha.

A presidente da Associação Pfukani Va Mamana, Alcinda Zimba, lidera o movimento de difusão de boas práticas e transmissão de experiências das sobreviventes, como um mecanismo de luta contra a violência contra a mulher e criança.

“Temos apelado às mulheres para que sejam pacientes com os seus maridos e que cultivem o diálogo nos seus lares para que não sejam mais vítimas de agressões físicas ou violência material e emocional e tem estado a produzir resultados”, disse.

Para além disso, tem feito acompanhamento de algumas mulheres que sofrem nas mãos dos maridos e que com os conselhos das activistas têm conseguido superar as diferenças e levar uma vida mais saudável para a criação dos seus filhos.

“Já recebemos casos de mulheres que sofreram nas mãos dos seus maridos e através das histórias de vida das activistas conseguiram mudar a convivência nos seus lares. É um trabalho que tem estado a surtir os efeitos desejados e o retorno é gratificante”, explicou.

ANA RITA TENE

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/49464-violencia-baseada-no-genero-historias-de-superacao-e-sobrevivencia>